

Literatura e política no Facundo de Domingo Faustino Sarmiento¹

José Renato Vieira Martins²

Resumo: O artigo analisa o pensamento de Domingo Faustino Sarmiento, jornalista, político e escritor argentino, que presidiu o país na segunda metade do século XIX, e debate aspectos propriamente literários, políticos e sociológicos contidos no livro *Facundo, o Civilización y Barbarie*.

Palavras chave: Argentina; literatura; sociologia e política.

Resumen: El artículo analiza el pensamiento de Domingo Faustino Sarmiento, periodista, político y escritor argentino que presidió el país en la segunda mitad del siglo XIX, y debate aspectos literarios, políticos y sociológicos presentes en el libro *Facundo, o Civilización y Barbarie*.

Palabras claves: Argentina; literatura; sociologia e política.

Abstract: The article analyzes the thought of Domingo Faustino Sarmiento, journalist, politician and Argentine writer, who presided over the country during the second half of the nineteenth century, and discusses literary, political and sociological issues contained in the book *Facundo, o Civilizacion y Barbarie*.

Keywords: Argentina; literature; sociology and politics.

1. Introdução

Falar de Domingo Faustino Sarmiento comporta um risco imenso. Como político e escritor ele provoca até hoje cegas reações de adoração ou condenação. Tido como um dos fundadores da literatura nacional argentina, sua obra continua um enigma. A cada geração diferentes leituras buscam decifrá-la, provocando novos debates em torno do autor. Seu livro mais emblemático, publicado em 1845, é *Facundo, ou civilização e barbárie*.³ Setores conservadores não só reivindicam o seu legado intelectual como também o consideram a mais perfeita interpretação da alma argentina.

¹ Este texto foi escrito para ser apresentado no VI Encontro Internacional de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), realizado nos dias 24 a 26 de setembro de 2012, em Foz do Iguaçu. Agradeço à professora Ana Kaust, do Departamento de Letras, pelo convite.

² Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Professor de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.

³ A edição de *Facundo, ou civilização e barbárie* utilizada neste artigo foi publicada pela COSAC NAIFY, em 2010, São Paulo, com prefácio de Ricardo Piglia e tradução e notas de Sérgio Alcides. O livro integra a coleção Prosa do Observatório, coordenada por Davi Arrigucci Jr.

Na vertente oposta, Sarmiento é visto como um inimigo das classes populares, sobretudo dos camponeses pobres e dos povos indígenas. Segundo esta corrente, suas ideias teriam um forte componente racista.

Ao analisar o pensamento de Sarmiento podemos deixar de lado esta polêmica, tão antiga quanto os primeiros capítulos do *Facundo*, publicados inicialmente no Chile, onde o autor encontrava-se exilado desde o final de 1840. Isto não quer dizer que a disputa pelo significado simbólico do livro não tenha importância política, cultural e literária. Muito pelo contrário. Justamente por se tratar de um texto fundacional, o *Facundo* estabelece uma diretriz, aponta um caminho, define um projeto de Estado e de nação que reverberam até os dias atuais. O *Facundo* deve ser lido como um documento histórico e literário que faz parte da invenção do país (SHUMWAY, 2008, 30). É um texto que nasceu e permanecerá polêmico, como reflexo do conflito existente no interior da sociedade.

O presente artigo foi elaborado do ponto de vista da Sociologia Política – sem pretensão de dar conta das questões relativas a outras áreas do conhecimento que aparecem no texto, como a História, a Geografia e a própria Literatura. Ele foi escrito a partir da experiência do autor como professor de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Sarmiento dialoga com alguns textos clássicos do pensamento político e social. Rousseau, Montesquieu, Tocqueville, Saint-Simon, Spencer, Auguste Comte estão presentes nas páginas do *Facundo*. Conceitos-chave de Max Weber, Karl Marx e Émile Durkheim podem ser ilustrados a partir do texto, que constitui uma excelente ferramenta de trabalho em sala de aula.

A sociologia clássica não comporta divisões rigorosas entre campos afins das ciências sociais. Da mesma forma, a visão de mundo de Sarmiento não permite estabelecer fronteiras rígidas entre o “Sarmiento escritor”, o “Sarmiento político” ou o “Sarmiento sociólogo”. Ricardo Piglia chamou a atenção para este fato, que constitui um paradoxo da literatura argentina. “Falar sobre Sarmiento escritor” diz ele, “é falar sobre a impossibilidade de ser escritor na Argentina do século XIX”. No momento de construção do Estado nacional, prossegue “a política invade tudo, não há espaço, as práticas se misturam, não é possível ser apenas um escritor” (PIGLIA, 2010, 9). Política, sociologia e literatura estão presentes em toda obra de Sarmiento, cuja edição póstuma foi reunida em mais de 50 volumes. Mesmo não sendo apenas um escritor (ou talvez por isso), Sarmiento escreveu uma das mais importantes obras sobre a Argentina.

Literatura, política e sociologia também se mesclam no *Facundo*. Neste livro magnífico, ficção e realidade se confundem e se complementam. Distintos gêneros literários se sucedem: o ensaio, o folhetim, o romance, as cartas confessionais, a biografia e as análises sociais estão presentes ao longo do texto e atestam a originalidade e a criatividade do autor, que não pode ser facilmente interpretado pelas teorias literárias europeias. Discutir o pensamento político e social presente nesta obra clássica constitui um exercício instigante e um convite ao diálogo interdisciplinar entre a Sociologia, a Ciência Política e a Literatura.

No período de dezoito anos que começou com a presidência de Bartolomé Mitre (1862-1868), continuou com Sarmiento (1868-1874) e se encerrou com Nicolás Avellaneda (1874-1880), a Argentina alcançou a consolidação do Estado nacional. Sarmiento foi um dos personagens centrais dessa história: é impossível compreendê-la sem antes conhecê-lo, a começar pelo *Facundo*, seu mais importante livro. A primeira seção deste artigo analisa a dualidade “civilização e barbárie”, núcleo em torno do qual aparecem os principais temas tratados pelo autor: a cultura gaúcha, a vida urbana e rural, o caudilhismo, a educação pública, o fantasma de Juan Facundo Quiroga e a ditadura de Juan Manuel de Rosas. A segunda seção discute a chamada “excepcionalidade argentina” e o papel da Geração de 37 na formulação de um projeto nacional para a Argentina. Nas três seções seguintes são analisadas passagens do *Facundo* que revelam o pensamento do Sarmiento escritor, do Sarmiento sociólogo e do Sarmiento político. Finalmente, a título de conclusão, se identificam algumas linhas de continuidade do diálogo interdisciplinar ensejado pelo texto.

2. Civilização e barbárie

O dualismo metodológico é uma ferramenta tão antiga quanto enganosa: está presente no pensamento religioso (corpo e alma), econômico (centro e periferia) e social (burguesia e proletariado). No *Facundo*, a razão dualista opõe a civilização – representada pela cultura letrada e europeia das cidades –, à barbárie – encarnada na cultura gaúcha e americana dos pampas.

País imenso e despovoado, a Argentina do princípio do século XIX apresenta uma geografia humana definida por grandes áreas desocupadas que predominam sobre as poucas cidades organizadas. Buenos Aires, estrategicamente situada às margens do rio da Prata, é a mais majestosa delas, “fadada a ser um dia a cidade mais gigantesca de

ambas as Américas” (SARMIENTO, 2010, 74). Economicamente pujante, socialmente sofisticada e culturalmente complexa, Buenos Aires é tida como exemplo de civilização e progresso. Havia outras cidades importantes, como Córdoba, Mendoza, Tucumán, San Juan, Entre Rios, Santa Fé, Jujuy, Salta, Catamarca, Corrientes. Todas elas, porém, constituíam agrupamentos isolados, localizadas num território praticamente vazio, com uma população estimada de quinhentos mil habitantes ao término do período colonial. À exceção do litoral, no estuário do rio da Prata, onde o transporte fluvial era utilizado, o acesso entre as cidades argentinas era feito quase que exclusivamente por terra. A viagem entre Tucumán e Buenos Aires levava em média dois meses. Se o traçado urbano legado pelos espanhóis conferia alguma semelhança às cidades argentinas – com praças harmoniosas e ruas regulares – a cartografia das ideias alterava e diferenciava a sua fisionomia. Em contraste com o conservadorismo de Córdoba, Buenos Aires era um polo irradiador de ideias revolucionárias, republicanas e democráticas.

Enquanto a cidade é considerada por Sarmiento o centro da civilização, das leis, da educação e do progresso – área na qual o governo regular encontrava os meios apropriados para se desenvolver – o campo, ao revés, é tido como o espaço da desagregação moral, da falta de instrução e de ocupação permanente – configurando um território hostil às leis e à autoridade. Estas duas realidades não são apenas estranhas, como estão em confronto. “Parecem duas sociedades diferentes, dois povos estranhos um ao outro”, diz Sarmiento. De um lado, está o homem que veste fraque e casaca das cidades, de outro está o gaúcho refratário aos modos europeus. Durante o período colonial a população do campo na Argentina permaneceu isolada e abandonada à própria sorte, enquanto os espanhóis se ocupavam da exploração das minas de prata do Alto Peru. Após a independência, a situação não se alterou substancialmente. O latifúndio e a pecuária extensiva, modelos econômicos legados pela colônia, permaneceram sob o controle das oligarquias, agora associadas à Inglaterra e voltadas para o mercado externo. O camponês pobre continuou marginalizado das atividades produtivas vinculadas à indústria do charque e ao comércio de couro e de alimentos. A mistura de raças (“espanhóis”, “indígenas” e “negros”) gerou um tipo humano tido por Sarmiento como indolente e ocioso, avesso ao trabalho disciplinado.

A oposição entre as cidades e os pampas constitui o núcleo em torno do qual se desenvolve a narrativa. O caráter do povo argentino, as guerras civis, a violência dos caudilhos, as disputas políticas entre Unitários e Federais, a forma de organização do Estado nacional são alguns problemas decorrentes desse conflito originário. Essas duas

realidades do país encontram-se em confronto. Circundadas pela imensidão dos desertos, as cidades estão sob a ameaça dos pampas, que as oprime e sufoca. A natureza selvagem dos pampas, observa Sarmiento, reduz as cidades a “estreitos oásis de civilização, encravados num plano inculto, de centenas de milhas quadradas, mal interrompido por um ou outro vilarejo” (SARMIENTO, 2010, 83). Não se trata, portanto, de mera oposição entre espaço urbano e rural, que viria a se aprofundar com a especialização da Argentina na produção de alimentos para a Europa. É muito mais que isso. São universos culturais distintos que se confrontam.⁴ De um lado, a cultura popular, nascida nas províncias do interior, isolada na imensidão dos pampas, tendo como base o trabalho na pecuária; de outro, a cultura letrada e elitista das cidades, conectada à Europa e à civilização moderna. São duas maneiras de ser argentino, duas visões de mundo, dois projetos nacionais.

3. Caudilhos e tiranos

Escrito contra Juan Manuel de Rosas, mandatário absoluto da Confederação Argentina (1835-1852) o *Facundo* reconstitui a vida do influente governador de La Rioja, Juan Facundo Quiroga, caudilho que lutou nas guerras de independência contra a Espanha e que se notabilizou pelos métodos sanguinários para chegar (e se manter) no poder. Juan Facundo Quiroga foi influente em todo noroeste argentino, sobretudo nas cidades de Tucumán, San Juan e Jujuy. Rosas é tido por Sarmiento como o herdeiro político de Facundo. A partir de Buenos Aires ele governa a Argentina com poderes autocráticos. Para combatê-lo o livro foi escrito, e apareceu inicialmente no Chile, onde o autor se encontrava desterrado. Facundo já havia falecido quando o livro foi publicado na Argentina em 1845. Nunca se comprovaram as suspeitas levantadas por Sarmiento de que os assassinos de Facundo agiram sob as ordens de Rosas.

São eloquentes as imagens empregadas no início do livro que antecipam o caráter grandioso e romântico que reveste toda a narrativa:

Sombra terrível de Facundo, vou evocar-te, para que te ergas, sacudindo o pó ensanguentado que cobre tuas cinzas, e nos expliques a vida secreta e as convulsões internas que dilaceram as entranhas de um povo nobre! Tu possuis o segredo: revela-o para nós (SARMIENTO, 2010, 49).

⁴ Na verdade, o tema das cidades é mais complexo e vai além da contradição espaço urbano e rural. De acordo com Maria Lígia Coelho Prado a eleição de Buenos Aires como cidade modelo, sinônimo de civilização e progresso, tem como contraponto a cidade de Córdoba, “cidade colonial e espanhola, (apegada) à educação religiosa, espaço estático, hostil a inovações, domínio do atraso, da religião e do obscurantismo. À cidade da utopia iluminista que olhava para o futuro se contrapunha a cidade escolástica voltada para o passado que teimava em não desaparecer”. In Prefácio a *Facundo*, civilização e barbárie; p. 33. Ed. Vozes, 1997, Petrópolis.

De acordo com Sarmiento, o sistema autoritário inaugurado por Rosas em Buenos Aires representa o aperfeiçoamento dos métodos sanguinários empregados por Juan Facundo Quiroga nas províncias. Sua chegada ao poder consiste na vitória da barbárie sobre a civilização. Rosas opera a metamorfose de um tipo cruel de dominação política herdada dos tempos coloniais e praticada pelos caudilhos tradicionais – em um sistema não menos cruel, mas agora exercido a partir do rio da Prata, por um caudilho de tipo novo, filho da culta Buenos Aires. O que em Juan Facundo Quiroga era paixão e instinto selvagem, em Rosas converteu-se em um sistema frio, dirigido por um espírito calculista, que “faz o mal sem paixão e organiza lentamente o despotismo”. Com a ditadura de Rosas a barbárie penetra a civilização que, por sua vez, assume formas selvagens. Como se pode verificar, este não é um problema exclusivamente argentino e *Facundo* se tornou um clássico justamente por suscitar reflexões que nos incomodam até os dias atuais. Desde então, a mesma história tem se repetido com frequência na América Latina: o extermínio de Canudos em prol da República, os golpes militares em defesa da democracia, a destruição das florestas em nome do progresso são outras formas de manifestação da barbárie nos pretensos projetos civilizatórios das elites civis ou militares, progressistas ou conservadoras.

4. A excepcionalidade argentina



Visto por outro ângulo, o problema enunciado no *Facundo* poderia ser formulado do seguinte modo: por que na América Latina as forças associadas à barbárie não têm deixado de triunfar? Por que tanta dificuldade para consolidar uma autoridade legítima e respeitada?

Buenos Aires está fadada a ser um dia a cidade mais gigantesca de ambas as Américas. Sob um clima benigno, senhora da navegação de cem rios que fluem a seus pés, languidamente reclinada sobre um imenso território, e com treze províncias interiores que não conhecem outra saída para seus produtos, já seria a Babilônia americana se o espírito do Pampa não tivesse soprado sobre ela, e se ele não esgotasse em suas fontes o tributo de riqueza que os rios e as províncias para sempre tem de levar até ela. Somente ela, na vasta extensão argentina, está em contato com as nações europeias; somente ela explora as vantagens do comércio estrangeiro; somente ela tem poder e rendas. Em vão as províncias lhe tem pedido que lhes deixe passar um pouco de civilização, de indústria e de população europeia: uma política estúpida e colonial se fez surta a tais clamores. Mas as províncias se vingaram, mandando-lhe em Rosas muito e demasiado da barbárie que nela sobrava (SARMIENTO, 2010, 74).

Em *Uma Nação Para o Deserto Argentino*, prólogo à coleção de documentos históricos reunidos pela biblioteca Ayacucho sobre a Argentina (1846-1880), Tulio Halperin Donghi refere-se à ideia de *excepcionalidade argentina*, que contém algumas pistas para esclarecer o problema. Neste artigo, o conhecido historiador nota que a chamada excepcionalidade argentina não consiste precisamente nas guerras civis entre liberais e conservadores, no crescimento econômico acelerado ou no florescimento cultural que se seguiram às lutas de independência nacional. Fenômenos similares ocorreram em outros países hispano-americanos no mesmo período. A excepcionalidade argentina estaria, segundo ele, no papel que os intelectuais desempenharam na organização do Estado e na formulação da identidade nacional. Somente na Argentina parece ter se realizado uma aspiração compartilhada (e frequentemente frustrada) nos demais países latino-americanos: a de alcançar a modernização por meio da realização de um plano previamente formulado por escritores e intelectuais, “cuja única arma política era sua superior clarividência”(DONGHI, S/D, 12).

5. Doutores e caudilhos

De fato, a chamada Geração de 37, grupo de intelectuais e escritores que se reuniu durante a ditadura Rosas para pensar o futuro da Argentina, teve um papel crucial na formulação desse projeto. O advogado e jornalista Juan Bautista Alberdi (1810-1884), o poeta e escritor José Esteban Echeverría (1805-1851) e o próprio Sarmiento integraram o grupo, cujas preocupações principais muito cedo se deslocaram da literatura para a política. Além de pensar as bases de organização institucional do Estado, estes intelectuais se perguntavam sobre a identidade da sociedade argentina. Como construir uma nação moderna a partir da sociedade legada pela colônia?

Influenciados por pensadores europeus como Locke, Bentham, Spencer, Saint-Simon, Fourier, Comte, Tocqueville, Montesquieu, Hegel, eles acreditavam no poder supremo da razão para aperfeiçoar o ser humano e a sociedade. Os Estados Unidos constituíam o modelo a ser seguido, e a ideia de um governo institucional era defendida por todos. Havia, porém, uma forte desconfiança com relação à democracia, posto que caudilhos como Rosas contavam com o apoio popular das massas ignorantes para se perpetuar no poder. Para funcionar o sistema não poderia prescindir da educação pública e massiva, concebida para livrar as massas dos apelos demagógicos dos caudilhos. Para realizar este programa, os intelectuais e os escritores da nova geração deveriam pagar o preço de mergulhar na política e disputar postos no Estado.

É importante assinalar que a crença no poder das ideias defendidas pelos integrantes da Geração de 37 encerra ao mesmo tempo uma contradição e uma utopia irrealizável. Desde Platão, o ideal do Rei-Filósofo revelou-se um modelo inviável, risível para os dias atuais. Além de elitista, a fórmula está evadida de autoritarismo, uma vez que restringe a participação da sociedade e reserva às demais classes sociais um papel subsidiário ao dos intelectuais na discussão dos assuntos públicos. Em nenhuma parte deu certo a pretensão de sábios intelectuais substituírem a tocos políticos. Por outro lado, a Geração de 37, formada por pensadores de extração liberal, acabou abraçando o Estado como único vetor de mudança e da modernização social. Em parte, isto ocorreu em virtude do próprio caráter inorgânico da sociedade argentina e do estado de dispersão das massas populares. Por intermédio das políticas estatais, os representantes da Geração de 37 imaginaram uma receita de modernização para o país, que passava não só pela organização do Estado, mas também pela constituição de uma identidade nacional a partir das ideias europeias. As bases “programáticas” do grupo, em que pesem as diferenças existentes entre seus membros, serviram de guia para o governo Sarmiento. Segundo o historiador León Pomer, elas consistiram fundamentalmente em

povoar o país de imigrantes tecnicamente qualificados, levantar milhares de escolas e alfabetizar maciçamente, estender estradas de ferro que unifiquem o espaço interior, unir fios de telégrafos em direção a todas as latitudes, distribuir a terra entre os imigrantes em frações suscetíveis de proporcionar uma renda razoável a preços não especulativos, aceitar por longo tempo nossa condição de produtores de matérias-primas e alimentos, abrir as portas ao capital e as manufaturas estrangeiras, incorporar as tecnologias mais avançadas às práticas agropecuárias (POMER, 1983, 18).

O problema desse programa de modernização é que ele foi elaborado com ideias copiadas da Europa. Como dizia Sérgio Buarque de Holanda, as elites intelectuais e políticas latino-americanas têm o péssimo hábito de buscar soluções para os nossos problemas na “prateleira das ideias importadas”. Os bárbaros têm levado a melhor porque os civilizados plágiam uma cultura estrangeira que não tem nada a ver com a realidade local; imaginam receitas mirabolantes de progresso, mas desconhecem a realidade sociocultural em que se encontram inseridos. Desprezam assim uma constelação de valores autênticos presentes na cultura popular e propõem soluções artificiais que, ao fim e ao cabo, terminam por se voltar contra o povo. Como pressentia Sarmiento, porém, “o espírito dos pampas está em todos os corações” – e por serem autênticos, estes valores populares nunca serão completamente eliminados. Ao contrário, mesmo reprimidos pela cultura dominante, eles acabam por retornar. Trata-se de uma questão que angustia a todos os países da região e não somente a Argentina. Apesar da declarada simpatia de Sarmiento pela civilização europeia, ao final do livro biógrafo e biografado acabam por se reconciliar –, o que nos faz pensar se os valores da cultura local, apesar de seus problemas reais, não seriam preferíveis às “ideias fora de lugar”.

Os temas levantados pela Geração de 37 e as bases do programa de modernização do país remetem a questões que serão abordadas nas próximas seções sobre as múltiplas facetas do pensamento de Sarmiento. Para efeito de exposição – e com o devido alerta para a artificialidade das classificações – elas serão apresentadas em três breves seções: o Sarmiento escritor, o Sarmiento sociólogo o Sarmiento político. Começemos pelo Sarmiento escritor.

6. Sarmiento escritor

Buenos Aires está fadada a ser um dia a cidade mais gigantesca de ambas as Américas. Sob um clima benigno, senhora da navegação de cem rios que fluem a seus pés, languidamente reclinada sobre um imenso território, e com treze províncias interiores que não conhecem outra saída para seus produtos, já seria a Babilônia americana se o espírito do Pampa não tivesse soprado sobre ela, e se ele não esgotasse em suas fontes o tributo de riqueza que os rios e as províncias para sempre tem de levar até ela. Somente ela, na vasta extensão argentina, está em contato com as nações europeias; somente ela explora as vantagens do comércio estrangeiro; somente ela tem poder e rendas. Em vão as províncias lhe tem pedido que lhes deixe passar um pouco de civilização, de indústria e de população europeia: uma política estúpida e colonial se fez surta a tais clamores. Mas as províncias se vingaram, mandando-lhe em Rosas muito e demasiado da barbárie que nela sobrava (SARMIENTO, 2010, 74).

A citação acima é um exemplo entre tantos de como Sarmiento lança mão do talento literário para fortalecer a sua argumentação política. A beleza do texto e a grandiosidade dos cenários reafirmam o poder da palavra. Sarmiento tem consciência desse poder, e nas páginas do *Facundo* ele o exerce com talento incomum. Por isso é considerado um grande escritor. Como observa Ricardo Piglia, o *Facundo* foi escrito numa etapa anterior à plena emancipação nacional, quando o romance e o Estado não se encontravam completamente constituídos. O *Facundo* trata das duas dimensões da identidade argentina, política e literária, isto é, a maneira como o Estado deverá se organizar (capítulo 15) e a forma como a literatura nacional poderá se desenvolver (capítulo 2).

De um lado”, observa Piglia, “o *Facundo* é um germe do Estado (no sentido em que Levi-Strauss dizia que o totemismo era um germe do Estado) e, de outro, é o germe do romance argentino (...). O livro é construído entre o romance o Estado: ele os antecipa e os anuncia (PIGLIA, 2010, 26).

Um bom exemplo de antecipação da força da literatura argentina pode ser verificado na passagem abaixo, cenário grandioso de uma tempestade nos pampas:

... o povo argentino é poeta por seu próprio caráter, por natureza. Como deixaria de sê-lo, se no meio de uma tarde serena e aprazível surge uma nuvem turva e preta sem que se saiba de onde veio, toldando o céu, enquanto num piscar de olhos, de repente, o estrondo do trovão anuncia a tormenta que dá calafrios no viajante, respiração suspensa, com medo de atrair um dos dois mil raios que caem ao seu redor? Depois da luz, vem a escuridão: a morte está por toda parte; um poder terrível, incontrastável, faz com que ele, num momento, concentre-se em si mesmo, sentindo o nada que é, em meio àquela natureza irritada; sentindo a Deus, para dizê-lo de uma vez, na aterradora magnificência de suas obras. Que cores faltariam à paleta da fantasia? Massas de trevas que nublam o dia, massas de luz lívida, trêmula, que ilumina a escuridão por um instante e mostra o pampa a distâncias infinitas, cruzado com vivacidade pelo raio, enfim, símbolo do poder. Essas imagens foram feitas para ficar gravadas profundamente. Assim, quando a tormenta passa, o gaúcho fica triste, pensativo, sério, e a sucessão de luz e trevas continua em sua imaginação, do mesmo modo que, quando fitamos o sol, seu disco fica por um bom tempo em nossas retinas (SARMIENTO, 2010, 100).

Como não ceder ao encantamento dessas palavras, ao poder de tais imagens? Segundo Oscar Terán, este tipo de argumentação visa ao convencimento do leitor por meio da “palavra cativante (TERÁN, 2007, 27). Estamos em pleno território literário, fundado numa visão de mundo romântica, na qual a “natureza”, o “povo”, a “paixão” e o “herói” se sobrepõem à fria razão Iluminista, que foi o grande guia da geração anterior, de Bernardino Rivadavia, primeiro presidente da Argentina e líder do partido Unitário. Mas em Sarmiento, como nos demais intelectuais e escritores da Geração de 37, o romantismo predomina, embora não estivesse isento de contradições. A sua

principal incoerência reside no desprezo pela cultura popular, ao contrário do que propunha o modelo europeu. Seja como for, literatura e política se confundem e se complementam. Realidade e ficção se mesclam. Sarmiento escritor e Sarmiento político são irmãos siameses. Mas antes de tratar do Sarmiento político, vejamos o que tem a nos dizer o Sarmiento sociólogo.

7. Sarmiento sociólogo

Nas primeiras páginas do *Facundo*, Sarmiento lamenta a falta de um conhecimento apropriado para desvendar os desafios políticos e sociais da Argentina. “À América do Sul, em geral, e à República Argentina, sobretudo, tem feito falta um Tocqueville”, observa inconformado. Se contássemos com um conhecimento similar ao dele,

Ter-se-ia, então, explicado o mistério da luta obstinada que despedaça aquela República; ter-se-iam classificado diferentemente os elementos contrários, invencíveis, que se chocam; ter-se-ia assinalado o papel da configuração do terreno e dos hábitos que ela engendra; o papel das tradições espanholas e o da consciência nacional, iníqua, plebeia, que a Inquisição e o absolutismo hispânico deixaram; o papel da influência das ideias opostas que transtornaram o mundo político; o papel da barbárie indígena; o papel da civilização europeia; o papel, enfim, da democracia consagrada pela revolução de 1810, da igualdade, cujo dogma penetrou até as camadas inferiores da sociedade. Esse estudo, que ainda não temos condições de fazer por nossa falta de instrução filosófica e histórica, feito por observadores competentes, teria revelado aos olhos atônitos da Europa um mundo novo em política, uma luta ingênua, franca e primitiva entre os últimos progressos do espírito humano e os rudimentos da vida selvagem, entre as cidades populosas e as matas sombrias (SARMIENTO, 2010, 51).

Os temas desenvolvidos no livro encontram-se antecipados nesta passagem. São problemas típicos da sociologia política: a precedência da sociedade sobre o indivíduo e o Estado; as formas legítimas de dominação; a democracia e a igualdade; a organização do Estado. O fato de Sarmiento se referir ao sociólogo francês Alexis de Tocqueville para estabelecer os temas desse programa de estudo não é fortuito. É o seu o coração liberal e conservador que alerta para os riscos que ameaçam a Argentina. Leitor de *O Antigo Regime e a Revolução*, Sarmiento tinha consciência de que os homens estão mais propensos a lutar pela igualdade do que a defender a liberdade. Ao livrar o país do domínio espanhol, a Revolução de Maio desencadeou paixões reprimidas pelo antigo regime colonial. A propagação das paixões revolucionárias representava um risco à constituição da nova ordem institucional do país, sobretudo nas imensidões dos pampas, onde o princípio da autoridade e da ordem legal não havia se enraizado completamente.

A chegada de Rosas ao poder, “tirano sem rival na terra”, confirmava seus piores temores.

Sarmiento considera o governo autocrático de Rosas fruto da irrupção dos pampas na vida da culta Buenos Aires. Essa maneira de compreender o poder encerra um raciocínio essencialmente sociológico, que estava presente no positivismo de Auguste Comte e viria a ser desenvolvido por Émile Durkheim. Para os pais da sociologia clássica francesa, a sociedade tem precedência sobre o indivíduo e o Estado. Fora da sociedade o indivíduo é nada. As maneiras de pensar e agir em sociedade são determinadas socialmente, ou seja, são exteriores aos indivíduos e exercem sobre os mesmos um poder imperativo. A própria linguagem que utilizamos para nos comunicar é um produto social: existe antes de nascermos e continuará existindo após morrermos. Nas sociedades menos desenvolvidas, definidas por um tipo de coesão que Durkheim denominou de solidariedade mecânica, os estados de consciência coletiva são superiores aos estados de consciência individual. À medida que a divisão do trabalho social avança e se torna mais complexa, o individualismo também se aprofunda, em razão da maior diferenciação que passa a existir entre os indivíduos, cada qual voltado para o exercício das suas próprias funções sociais. Debilita-se assim o estado de consciência coletiva e passam a predominar as formas da solidariedade orgânica. Em ambos os tipos de sociedade – mal denominadas “primitivas” e “modernas” – os imperativos morais precedem as regras jurídicas, ou seja, o poder de coerção social é anterior às formas de dominação política. O Estado organizado nada mais é do que a maneira de articular e coordenar a coerção social previamente prescrita pelos códigos morais. Após a sua criação, para exercer o papel de direção moral da sociedade, o Estado se distancia (ou deveria se distanciar) dos interesses paroquiais e particularistas, universalizando-se e separando-se da sociedade que o originou.

Para Sarmiento, o caudilhismo argentino é um fato social no sentido exato do que foi definido por Durkheim nas *Regras do Método Sociológico*. Essa forma de ser, nascida da vida dos pampas, constitui uma herança dos tempos coloniais; ela consiste em “maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem” (DURKHEIM, 1978, 3). Facundo não é um ser exótico, social e culturalmente desenraizado. Ao revés, ele é a expressão do jeito de ser do povo argentino. Como diz Sarmiento, Facundo Quiroga não é simplesmente um caudilho,

mas a manifestação da vida argentina (...) é o personagem histórico mais singular, mais notável, que pode ser apresentado à contemplação dos homens que compreendem que um caudilho que encabeça um grande movimento social não é mais do que o espelho no qual se refletem, em dimensões colossais, as crenças, as necessidades, as preocupações e os hábitos de uma nação numa dada época de sua história (SARMIENTO, 2010, 63).

Frisemos as últimas palavras: o líder social é o espelho de crenças, preocupações e hábitos de uma nação em um dado momento histórico. Os heróis da independência e da Revolução de Maio espelharam o anseio de liberdade disseminado na região. No momento de constituição do Estado nacional, outros anseios e outras personagens entraram em cena. Os valores, objetivos e metas previamente formulados pela Geração de 37 estão presentes no momento de fundação do Estado nacional; mas eles não são homogêneos e nem são os únicos. O programa de modernização dos intelectuais se chocará com uma sociedade herdeira dos tempos coloniais, marcadamente inorgânica, difusa, desestruturada. Uma sociedade, para recorrer outra vez a Durkheim, com baixos níveis de volume, densidade material e densidade moral. Nas imensidões dos pampas despovoados, as formas de socialização, as vias de comunicação, as trocas culturais, comerciais e humanas são incipientes. As *pulperías* – vendas ou armazéns de alimentos, mate e álcool – são os poucos locais de socialização do gaúcho. Aí prevalecem, segundo Sarmiento, os jogos, os vícios e as violências. Desse ambiente saíram os caudilhos que dominaram primeiramente as províncias, como Facundo, e posteriormente o país, como Rosas. Caudilho de tipo novo, responsável pelo extermínio dos povos indígenas ao sul da província de Buenos Aires, Rosas não deu a menor importância à receita programática dos intelectuais esnobes. Mesmo assim, ao final de seu longo governo autocrático, entregou à nação um Estado nacional unitário.

Ao contrário dos intelectuais da Geração de 37, Rosas e Facundo eram homens de ação, que agiram de acordo com o imperativo de construir um Estado nacional e uma nação para os argentinos. Não estavam preocupados com os meios para alcançar esse objetivo maior. O dilema ético entre Rosas e Facundo, de um lado, e os intelectuais da Geração de 37, de outro, remete a uma discussão sobre os tipos ideais estabelecidos por Max Weber entre o político e o cientista. Os políticos, de modo geral, sobretudo os estadistas, são movidos pela *ética da responsabilidade*, e atuam com o pensamento voltado para o legado que deixarão para a história. Eles não agem segundo a moral do dia a dia que orienta o cidadão comum em suas decisões privadas; já os sábios e grandes cientistas atuam segundo a *ética da convicção*, sem outro compromisso senão com a verdade, a liberdade de pensamento e a livre consciência. Mesmo não sendo um

estadista de tipo weberiano, Rosas deixou como legado um estado nacional unificado, e com base nisso é julgado por seus compatriotas.

Sob pena de alongar demais esses comentários a respeito do Sarmiento sociólogo, não deixemos de observar ainda a identificação que o tipo de liderança carismática exercida por Facundo guarda com a teoria da dominação de Max Weber. A sociologia compreensiva weberiana advém de registros teóricos distintos da escola francesa. Este sociólogo alemão, contemporâneo de Bismark, defensor de uma Alemanha soberana, una e indivisível, parte de registros diferentes daqueles empregados pelo pensamento francês. Sua teoria da ação social considera prioritariamente as escolhas individuais portadoras de sentidos subjetivos dirigidas a fins, valores, tradições e afetos.

Nas sociedades capitalistas avançadas as formas de ação social baseadas na razão prevalecem sobre as formas ditadas pelas paixões. Todas elas constituem tipos ideais, que não são puros, e por isso podem se combinar ou se negar. No plano da dominação se passa algo similar. Considerada por Weber um dos elementos mais importantes da ação social, a dominação pode se classificar em três tipos distintos: racional ou legal, carismática e tradicional. O poder de Facundo está claramente fundado no tipo de liderança carismática. Das paixões advém a sua forma de agir, e por meio do medo ele impõe a sua vontade a seus seguidores e opositores. Ao contrário de Rosas, frio e calculista, Facundo é um líder instintivo, feroz, apaixonado. A batalha que levou à sua morte poderia ter sido evitada a partir de um simples cálculo tático. Porém, ele não o fez, e preferiu seguir os seus instintos. Como recorda Oscar Terán, Facundo agiu neste episódio como o escorpião que pediu à rã que o levasse à outra margem do rio. Como inicialmente a rã se recusou a atendê-lo, o escorpião argumentou que seria insensato fazer qualquer coisa contra ela, pois isso colocaria em risco sua própria vida. Convencida, a rã ordenou que o escorpião subisse nas suas costas; mas, no meio da travessia, ele a atacou. Antes que ambos morressem afogados, a rã perguntou por que ele fez aquilo, contrariando a lógica dos próprios argumentos. O escorpião respondeu que agiu de acordo com a sua *natureza*. Facundo, a rã e o escorpião nos ensinam que os tipos ideais são impuros. O que a princípio parecia uma ação racional – definida por fins ou valores – revelou-se ao final uma conduta instintiva – determinada pela tradição ou pelas paixões.

Figura 2 e 3. Biógrafo e biografado se reconciliam ao final do livro.



Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888)



Juan Facundo Quiroga (1789-1835)

E quanto a Karl Marx, teria a alma liberal e conservadora de Sarmiento algo a nos dizer sobre os temas e problemas do marxismo? Pensamos que sim, a começar pela ideia de revolução, apresentada no capítulo 4. Vejamos o que diz Sarmiento:

Quando um povo entra em revolução, dois interesses opostos lutam, a princípio: o revolucionário e o conservador; entre nós, os partidos respectivos foram denominados patriotas e realistas. É natural que, depois do triunfo, o partido vencedor se subdivida em facções de moderados e exaltados; estes pretendiam levar a revolução até suas últimas consequências; aqueles queriam mantê-la dentro de certos limites. Também é do caráter das revoluções que o partido vencido no início torne a se reorganizar e triunfe, graças à divisão dos vencedores. Porém, quando uma das forças que vem em auxílio a uma revolução se desprende de imediato, formando uma terceira entidade e mostrando-se indiferentemente hostil a uns e outros combatentes (realistas ou patriotas), essa força que se separa é heterogênea; a sociedade que a detém não tomou conhecimento, até então, de sua existência, e a revolução só serve para que ela se mostre e se desenvolva (SARMIENTO, 2010, 140).

Quem é essa terceira força que irrompe da sociedade para ingressar no cenário da revolução, senão o povo argentino, esse desconhecido, temido e perigoso personagem histórico que, segundo Sarmiento, estava pronto a seguir os gritos de comando do primeiro caudilho populista que aparecesse à sua frente? *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte*, de Karl Marx, não nos conta outra história senão a das diferentes formas como as classes populares, sobretudo aquelas de origem camponesa – *que mal paravam em pé, como um saco vazio de batatas* – se tornaram massa de manobra na construção de uma ordem autoritária controlada por banqueiros espertalhões. Distante do centro da economia mundial e num estágio inferior de desenvolvimento do capitalismo, o governo Rosas antecipa alguns traços do *bonapartismo* que Marx identificou na França, sobretudo com relação à aparente autonomia do Estado, à

personificação do poder, à origem militar dos poderosos, à estrutura social difusa, à debilidade ou inexistência das instituições políticas e à ausência de mecanismos de representação. A personificação, a centralização e a concentração de poderes são características de uma cultura política com raízes profundas. Se hoje ela já não controla o Estado – como foi na época de apogeu do caudilhismo – nem por isso ela está ausente da sociedade, principalmente em instituições propensas abrigar simulacros de caudilhos autoritários.

Ao contrário de vários dos seus colegas da Geração de 37, Sarmiento não pertencia às oligarquias rurais e tampouco se sentia parte do povo, por quem nutria repugnância e desprezo. Ele sabia perfeitamente que o processo de modernização do país não prescindia de uma verdadeira reforma agrária e a distribuição da propriedade rural concentrada nas mãos de poucas famílias ricas e poderosas. Mas o seu programa de governo não levou adiante nenhuma medida de democratização do acesso à terra. Sarmiento sabia que o enfrentamento do problema agrário poderia despertar rancores e ameaçar a nascente ordem liberal com a qual sonhava. Questões como essas, típicas do léxico marxista, são suscitadas em diferentes passagens do *Facundo* e provocam instigantes debates em sala de aula sobre Marx e a sociologia marxista.

9. Sarmiento político

Após as guerras de independência, a situação política nos antigos territórios do Alto Peru e do Vice-Reinado do Rio da Prata estava marcada pela disputa entre liberais e conservadores. Os dois principais partidos políticos e as forças sociais que representavam divergiam sobre a forma como organizar os novos Estados nacionais. Na maior parte dos casos, essas disputas terminaram com a constituição de uma ordem política centralizada e autoritária. Diego Portales, no Chile; Juan Manuel de Rosas, na Argentina; José Gaspar Rodríguez Francia, no Paraguai e Manuel Oribe, no Uruguai. Na Argentina, os partidos liberais e conservadores – autodenominados Unitários e Federais – também tinham visões divergentes sobre a sociedade e a forma como ela deveria ser governada. Os primeiros defendiam instituições nacionais e um governo central para uma Argentina “una e indivisível”. Os segundos advogavam por maior autonomia das províncias, que deveriam se articular em torno de um pacto federativo descentralizado. Após a experiência unitária de Bernardino Rivadavia, primeiro presidente argentino, os federais chegaram ao poder com Juan Manuel de Rosas. Na

prática essas divergências programáticas não eram tão claras, e as posições se confundiam. O problema de fundo estava muito mais na forma de exercício do poder – democrático ou autocrático – do que no modelo de organização do Estado – centralizado ou federal. Segundo Sarmiento,

ainda que Rosas tivesse gritado de boa-fé: *'Federação ou morte!'*, teria concluído pelo sistema unitário que hoje estabeleceu. Nós, contudo, queríamos a unidade na civilização e na liberdade, e nos tem sido dada a unidade na barbárie e na escravidão (SARMIENTO, 2010, 75).

Nas páginas do *Facundo*, mais especificamente no capítulo 15, Sarmiento defendeu um modelo de organização do Estado nacional e um regime político para a república Argentina. Assim como a narrativa literária se articula a partir do dualismo “civilização” e “barbárie”, a narrativa política se constrói na oposição ao governo Rosas: “fazer o que ele não fez e reparar o que destruiu” é a consigna de Sarmiento. Este espelhismo de corte ideológico se presta muito mais à defesa das suas ideias do que propriamente à caracterização das ideias do seu adversário. O programa de Sarmiento na presidência previa o desenvolvimento do livre comércio, das comunicações e das indústrias; a segurança das fronteiras; a distribuição de terra aos imigrantes, o povoamento do interior; a organização da educação pública nacional e criação de um ministério da educação; a liberdade de imprensa; o apoio à cultura e aos intelectuais; à democracia, ao pluralismo e à liberdade de culto. O restabelecimento das relações com os EUA era a prioridade de sua política externa.

Dentre as realizações concretas do presidente Sarmiento, que governou a Argentina de 1868 a 1874, podem-se destacar medidas nas áreas de colonização, educação e ensino médio, saúde pública, jurídica (código civil), comunicações e ferrovias. A exposição industrial de Córdoba revelou ao país as potencialidades econômicas da república. O saldo principal do governo, segundo seus admiradores, teria ocorrido no terreno político institucional. Para José Martínez Estrada, Sarmiento representou uma inflexão com respeito ao período Rosas:

O Partido Federal, por sua composição e natureza, era um partido popular, e sendo assim, estava obrigado a transigir com os caudilhos que imperavam sobre as massas. A democracia sucumbiu por não ter sido organizada e quando carece de organização se corrompe e degenera em tirania, seja porque as massas oprimam, sejam porque abdiquem. Não se resolve a democracia na eletividade dos que mandam nem na ‘soberania popular’, que representa o império do número ou um cesarismo multiforme. (A democracia) consiste na solidariedade do povo para o exercício do direito (ESTRADA, S/D, 113).

A mensagem - proferida em clave liberal - é mais do que evidente: Sarmiento político teria deixado como legado ao país o aperfeiçoamento de instituições nacionais baseadas no princípio do direito. Entre o governo das leis e o governo dos homens – tema clássico da ciência política – Sarmiento optou pela institucionalização do Estado argentino.

10. Conclusão

Sarmiento antecipa um modelo de organização do estado e uma maneira de fazer literatura, não só na Argentina, mas também na América Latina. Muitos escritores que vieram depois dele são tributários do seu trabalho pioneiro, como Euclides da Cunha, Alejo Carpentier, Gabriel Garcia Marques, Carlos Fuentes, Roa Bastos, Miguel Asturias. O recurso à literatura para a discussão de temas da sociologia clássica não tem nada de original. Se o presente artigo contém alguma originalidade é a de propor um diálogo das ciências sociais para abordar, numa perspectiva interdisciplinar, novos e velhos problemas latino-americanos. Em uma universidade como a UNILA, voltada para a integração da América Latina, este exercício adquire uma importância crucial. Apesar da riqueza do pensamento sociológico produzido na região, a sociologia clássica chegou até nós através da Europa, e conhecê-la em profundidade – não para copiá-la, mas para reinventá-la – é a única forma de estudar a realidade local. Fazer este aprendizado a partir dos nossos próprios problemas, por meio da literatura, é muito mais atrativo para os estudantes do que de maneira abstrata como a matéria é tradicionalmente ministrada. De outro lado, a experiência da UNILA tem revelado que a integração cultural não é automática nem isenta de contradições. Para que ela ocorra de fato, e se transforme em um instrumento de afirmação e ao mesmo tempo de integração de distintas identidades nacionais, é necessário um conhecimento do outro que o romance e a ficção podem oferecer. O caudilhismo não é um fenômeno exclusivamente argentino. Facundo Quiroga é um herói latino-americano – guerreiro e romântico, como foram Zapata, Lampião e outros heróis populares. Sua vida e sua morte, recriadas pelo gênio de Sarmiento, nos oferecem ensinamentos que a sociologia não deveria menosprezar.

Referências Bibliográficas

- ARON, Raymond, *As etapas do pensamento sociológico*, Martins Fontes, São Paulo, 2002.
- DI TELLA, Torcuato, *Historia social de la Argentina contemporánea*. Editorial Troquel, Buenos Aires, 1998.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*, Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- _____. *As Regras do método sociológico*. Cia Editora Nacional, São Paulo, 9ª. Edição, 1978.
- COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*. Martins Fontes, São Paulo, 2003.
- ESTRADA, Ezequiel Martínez. *Antología*. Colección Literatura Latinoamericana, Casa de las Américas, La Habana, s/d.
- _____. *Radiografía de la pampa*. Colección Archivos, Edusp, São Paulo, 1991.
- FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J., *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850 – 2002)*. Editora 34, São Paulo, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Cia das Letras, São Paulo, 2008.
- MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte*. Editora Boitempo, São Paulo, 2011.
- MYERS, Jorge, *El pensamiento de Domingo Faustino Sarmiento*. Prologo. El Ateneo. Colección Pensamiento Político Argentino. Buenos Aires, 2010.
- PRADO, Maria Ligia Coelho, *Prefácio a Facundo, civilização e barbárie*. Ed. Vozes, 1997, Petrópolis.
- PIOTTE, Jean-Marc, *Le grands penseurs du monde occidental: l'éthique et la politique de Platon à nos jours*. FIDES, Montreal, 2005.
- POMER, León, *Sarmiento ou a invenção de uma pátria (Prólogo)*, in *D. F. Sarmiento*, Organizador: Léon Pomer, Coordenador Florestan Fernandes. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Editora Ática, São Paulo, 1983.
- RODRIGUES, José Albertino, *A sociologia de Durkheim (Prólogo)*, in *Émile Durkheim*. Organizador: J. A. Rodrigues. Coordenador: Florestan Fernandes. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Editora Ática, São Paulo, 2008.
- SARMIENTO, D. Faustino. *Facundo ou civilização e barbárie*. Coleção Prosa do Observatório. Cosac Naify, São Paulo, 2010.
- SHUMWAY, Nicolas, *A invenção da Argentina: história de uma idéia*. EDUSP e Editora UnB, São Paulo, 2008.

TERÁN, Oscar. *Para leer el Facundo. Civilización y barbarie: cultura de fricción.*

Claves Para Todos, colección dirigida por José Nun. Buenos Aires, 2007.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*, Vol.2, Editora UnB, 2009.

_____. *Ciência e Política. Duas Vocações.* Ed. Cultrix. São Paulo, 1970